

Processos fonológicos de inserção e apagamento no guineense

ERICA SOUZA DOS REIS

Graduanda em Letras, Língua Portuguesa

UNILAB- BA

E-mail: ericareis121@gmail.com

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 7
Número 1

Recebido em: 31/01/2022
Aprovado em: 27/07/2022

Resumo

O guineense é falado pela maioria dos habitantes Guiné-Bissau. Contudo, ainda há poucos estudos voltados para essa língua, sobretudo com relação aos seus aspectos fonológicos. Assim, o trabalho propõe descrever os processos fonológicos de inserção (*prótese*, *epêntese*, *paragoge*), e apagamento (*aférese*, *síncope*, *apócope*) no guineense. Os dados foram coletados em Scantamburlo (2002) e gravados com quatro falantes nativos. As análises constatarem processos recorrentes, como: prótese de [a] e [i]; epêntese de consoante/traço nasal; entretanto, houve poucos casos de paragoge. Ademais, os casos de apagamento mais comuns foram aférese de [e]; síncope da vogal postônica medial; e apócope em verbos.

Palavras-chave:

Guineense. Processos fonológicos. Inserção. Apagamento.

1 Introdução

O guineense¹ falado na Guiné-Bissau é um exemplo de como a humanidade lida com a necessidade de criar e exercer um contato comunicativo entre si. Além disso, sabe-se que o GB é um símbolo linguístico de independência, por ser atualmente uma língua da resistência e também da unidade nacional, pois veicula a intercompreensão entre seu povo que convive em meio ao multilinguismo e à oficialização da língua portuguesa no território, como discutido por Costa (2014) e Chapouto (2014). Salienta-se que, em meio ao multilinguismos, a língua que exerce maior influência no país por ser predominante entre seus falantes é o guineense.

Considerando o amplo uso do guineense, este trabalho tem o objetivo de analisar os processos fonológicos de inserção (próstese — português <nova> [vOα], guineense <**banova**> [βαvOα]; epêntese — português <flecha> [φλEΣδ], guineense <**feretca**> [φEv4EτΣα]; e paragoge — português [vτε4] *ter* - guineense **tene** [τε~vE]) e apagamento (aférese — português *espirrar* - guineense **spira** [vσπi4α]; síncope — português *absorver* - guineense **asorbi** [αvσopι]~[αvσopβι]; e apócope — português *farelo* - guineense **farel** [φαv4E5]~[φαv4Eλυ]) na língua, comparando os resultados encontrados com descrições gerais bem como com estudos sobre o guineense, como Costa (2014) e Chapouto (2014). Este artigo se justifica pela ausência de estudos (especialmente fonológicos) sobre o guineense. Além disso, algumas pesquisas fazem referência a essa língua como uma versão resumida do português, assim citam-na como simplificada morfológicamente. Tudo isso corresponde a um discurso de comparação e desrespeito para com os falantes do guineense conforme Pratas (2002), Bandeira (2017). A partir das análises dos processos de inserção – prótese, epêntese, paragoge – e apagamento – aférese, síncope, apócope – esta análise demonstrará que as transformações fonológicas no guineense possuem um funcionamento vinculado ao próprio contexto em que a língua está inserida, e as comparação ao português europeu ou a outras variedades do português de outros países serão realizadas a fim de demonstrar as semelhanças e modificações que sucedem a todas as línguas naturais.

O artigo está dividido da seguinte forma: na seção 2, será exibida uma breve caracterização linguística da Guiné-Bissau. Posteriormente, a metodologia será apresentada na seção 3. Já as análises dos processos são o foco da seção 4, que se seguirá da conclusão na seção 5.

¹ Neste artigo optou-se pela nomenclatura guineense e GB, mas também existem outros termos para fazer alusão à língua crioula da Guiné-Bissau, como Kriol (COSTA, 2014, p.46).

2 Caracterização linguística da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau possui geograficamente “36.125 km² de extensão total e apenas 28.800 km² de superfície habitável.” (CHAPOUTO, 2014, p.2). Em meados do século XV, por possuir um clima favorável, tropical marginal e tropical continental, a Guiné-Bissau tornou-se colônia exploratória, pela permanência dos colonos em meio aos nativos (CHAPOUTO, 2014).

É possível afirmar que a língua ou as línguas de um país são um instrumento comunicativo de união e socialização. No caso, do guineense, o contato físico, cultural e infelizmente escravista influenciou no surgimento de um novo código linguístico, e dessa intensa “miscigenação” emergiu uma língua inicial em virtude deste contato linguístico e exploratório. Consequentemente, a formação do guineense deu-se tanto pelas línguas autóctones quanto pela inserção dos colonos na região em meio aos nativos (CHAPOUTO, 2014). Apesar do amplo uso do guineense, após várias décadas desde 1974, ano da independência de Guiné-Bissau, o português continua sendo a única língua oficial do país, segundo Costa (2014) e Chapouto (2014).

Por décadas o GB foi intitulado como “simplificado”, e é preciso salientar que alguns autores alegam tal “simplicidade” porque o guineense é uma língua crioula, sendo originada a partir do contato linguístico de várias outras, e não apenas do português europeu, conforme discussão em Pratas (2002) e Bandeira (2017). Essa atribuição de um caráter simples ao GB não é adequada, visto que, uma língua não deve ser intitulada, de modo estereotipado por compará-la a outra, isto é, ao português europeu.

Quanto à situação sociolinguística, nota-se que a língua majoritária na Guiné-Bissau é o guineense e que, para além desta, são também presentes no país diferentes línguas autóctones², que por vezes são línguas maternas de alguns falantes. À vista disso, o Estado e os políticos reconhecem que a Guiné-Bissau é um país multilíngue e essa afirmação é comprovada nas pesquisas utilizadas por Costa (2014, p.60), em que são citadas as etnias presentes no país e as quantidades de habitantes com base em Silva (2000): balantas — 160.296, fulas — 108.402, manjacos — 71.712, mandigas — 68.752, papéis — 36.341, mancanhas — 16.300, beafadas — 11.581, bijagós — 10.332, felupes — 8.167, nalús — 3.009 e outros — 9.715. O Estado reconhece que, em meio a tantas línguas étnicas, o guineense unifica o país. Portanto, o próprio Estado também poderia utilizar da língua usada pela maior parte dos falantes para desenvolver a política do país. Dessa forma, a utilização do guineense nos meios oficiais e políticos da Guiné-Bissau seria favorável às progressões tanto sociais quanto linguísticas do país.

² São Línguas nacionais, por muitas vezes, sem título de oficial por conta da ideologia colonial e que correspondem aos determinados grupos étnicos de um país (LUCCHESI, 2003), (FARACO, 2012), (BANDEIRA, 2017).

3 Metodologia

Este trabalho se iniciou a partir de pesquisa bibliográfica, com leituras sobre aspectos gerais das línguas crioulas, realidade linguística da Guiné-Bissau e o guineense, como Pratas (2002), Bandeira (2017), Costa (2014) e Chapouto (2014). Além disso, foi selecionado o texto de Viaro (2011) referente aos processos fonológicos de inserção e apagamento em línguas como o português.

Após as leituras, foram coletadas, no dicionário de Scantamburlo (2002), 231 palavras do guineense em que ocorriam processos de inserção e apagamento. A partir dos exemplos coletados, percebeu-se que por vezes mais de um processo ocorreu em uma única palavra, desde adições e subtrações, assim como transposições e transformações (VIARO, 2011). Entretanto, o objetivo dessa pesquisa é analisar os processos fonológicos de inserção e apagamento, sendo assim não serão abordados os outros fenômenos.

As palavras coletadas tiveram suas realizações fonéticas confirmadas pela participação de quatro (4) estudantes guineenses do curso de Humanidades da Unilab, campus dos Malês, Bahia, Brasil. A princípio, foi enviado o termo de consentimento para os estudantes, no qual se explicavam as características da pesquisa, que continha três (3) listas diferentes com 77 frases cada, contendo as palavras sob análise, sendo uma frase veículo (digo x baixinho) em guineense (N'ta fala x bas bas). Pelo motivo do isolamento social em virtude da pandemia de Covid-19, as gravações não puderam ser gravadas presencialmente, assim foi estipulado um prazo de 15 dias para a entrega das gravações e do termo do consentimento. Com relação aos casos de variação, dos quatro informantes, dois ficaram com a mesma lista, neste caso com a lista um (1). No caso de dúvida em relação às gravações, pedia-se para o mesmo informante regravar a frase veículo, além disso, essas palavras também eram direcionadas para outros participantes da pesquisa gravar.

O presente artigo faz comparação com variedades do português, mas não consideramos o GB como um descendente direto do português. Isto porque todas as transformações históricas influenciam direta ou indiretamente para o surgimento e características das línguas. No caso da Guiné- Bissau, o guineense é uma língua crioula, ou seja, o resultado de várias línguas distintas em um mesmo ambiente de isolamento, surgida pela interação da língua do colonizador e de escravizados africanos de localidades distintas, em maior número (BANDEIRA, 2017). De acordo com Viaro (2011) ao comparar estudos linguísticos em outras línguas ou contextos semelhantes, as comparações permitem analisar as similaridades e especificidades. Portanto, o guineense contém palavras oriundas do português, porém segue características próprias, tendo um funcionamento diferente do português Europeu e de outras localidades.

Quanto à apresentação dos dados, este trabalho usará itálico para as palavras no português, <era>, e negrito, <**iera**>, para o guineense. Salienta-se que as transcrições utilizadas como base do português trazem uma das pronúncias possíveis (e não todas as variações), em casos em que havia variação entre o português europeu, e o português brasileiro, optou-se pelo primeiro, já que este deve ser o que exerceu mais influências sobre o guineense no passado. No caso do <r> em final dos verbos, por exemplo, será utilizado o tepe na transcrição, mas há outras prováveis variações. Além disso, é preciso reforçar que ainda não está definido no GB se os glides são vogais ou consoantes e neste trabalho foram selecionados os símbolos fonéticos [ɤ] e [ɹ] para os casos de ditongos. Nas palavras que possuem uma consoante nasal seguida de outra consoante, como em: <**ngaba**>, a consoante nasal foi transcrita com o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte, sendo necessária uma análise acústica posterior para confirmar essa transcrição. Ademais, reputamos o segmento nasal inicial inserido na mesma sílaba da consoante seguinte, deixando para estudos futuros a discussão mais detalhada desse segmento.

No caso de uma consoante nasal seguindo vogal na mesma sílaba (como em <**frunku**> [ɤɸ4v~vkv] ~ [ɤɸ4v~kv]), a partir de uma análise de oitiva, ora a consoante aparece, ora não, e somente uma análise acústica pode confirmar essas transcrições.

4 Análise dos processos

Essa seção trata da análise dos processos; primeiramente, serão apresentados os de inserção; posteriormente, os de apagamento. Conforme mencionado, esses processos são divididos em adição de segmento — no início de uma palavra (próstese), no meio (epêntese) e no final (paragoge), e apagamento de segmento — no início de uma palavra (aférese), no meio (síncope) e no final (apócope).

4.1 Processo de inserção: Prótese

O quadro 1 apresenta exemplos de inserção vocálica:

Quadro 1- Prótese de [α] e [ɪ]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>botar</i>	[βO∇τα4]	abota	[α∇βOτα]	botar
<i>benção</i>	[∇βε~σά~ω~]	abenson	[α∇βε~σά~]	benção
<i>água</i>	[∇αγω6]	iagu	[∇φαγυ]	água
<i>era</i>	[∇E46]	iera	[∇φE4α]	era
<i>contrário</i>	[κO~∇τ4α4ιω]	akontrariu	[ακO~∇τ4α4ιω]~[κO~∇τ4α4ιω] ³	contrário

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos do quadro 1 são referentes à inserção do [ɪ] e [α], que foram os casos mais comuns de adição encontrados na coleta de dados. Segundo Viaro (2011, p 132; 133), esse processo da inserção do [a] pode ser explicado por uma hipótese de aglutinação do artigo ‘a’, a + *benção* = **abenson** [α∇βε~σά~]. Contudo é importante salientar que há adições de <a> que são distintas do exemplo anterior, como em [α∇βOτα], assim tal afirmação não é válida para todos os casos de acréscimo do <a>.

Ademais, é notório descrever que, no trabalho de Costa (2014) sobre o guineense, registram-se alguns exemplos da inserção dos segmentos [α] e [ɪ] no início da palavra, como em: ['jentrɐ] ~ [i'entrɐ] – /ieNtra/ “entrar”, [a'o~ntɪ] ~ [a'ontɪ] – aoNti “ontem” (dados retirados de Costa, 2014, p.2021).

Outrossim, foram encontrados casos de inserção de [ɪ], que em seguida pode se ditongar com a vogal seguinte, como em <iagu> [∇φαγυ] “água”. Segundo Costa (2014), os processos de ditongação são registrados no guineense e as palavras já adentraram na língua com acréscimo da vogal vocálica protética “[‘jabɾɪ] ~ [i'abɾɪ] - iabri “abrir” (695) ['jagu] ~ [i'agu] - iagu “água” (696) [jaŋga'sa] ~ [iaŋga'sa] - iaNgasa “alcançar”” (COSTA, 2014, p.201). Neste trabalho, também foi registrada a junção do artigo <o> mais a palavra, como em: O + relâmpago = [O4∇λα~μπυ], ou em o + dique = oriki [O∇4ικɪ].

Outro processo de inserção é a prótese de consoante no quadro 2:

³ As variações serão posicionadas no final dos quadros. Nesses casos, uma única palavra é pronunciada de forma diferente pelos colaboradores. Todos são falantes do GB, porém alguns possuem uma língua autóctone como primeira: fula, papel, e outros têm o guineense e as línguas étnicas funcionado como segunda: informante A mandiga e informante B papel. Além disso, são falantes do português e línguas estrangeiras, como francês e inglês. Em razão disto, é possível que tais línguas tenham alguma influência no guineense, sendo necessários estudos futuros para analisar a influência dessas línguas na fala dos habitantes de Guiné-Bissau.

Quadro 2 - Prótese consonantal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>esquecido</i>	[ɪσκε∇σιδY]	diskisidu	[δɪσκι∇σιδυ]	esquecido
<i>esquecimento</i>	[ɪσκε∇σιμε~τY]	diskisimentu	[δɪσκι∇σιμε~τυ]	esquecimento

Fonte: Elaboração própria

Considerando a citação de Viaro (2011) referente à aglutinação do artigo <a>, semelhantemente no quadro 2 também é evidenciada a junção de segmentos, neste caso de preposição. Nos exemplos, a palavra no GB passa a ser registrada com a inserção da consoante [δ]. Pode ser que isto tenha ocorrido porque a língua permitiu que dois sons iguais se tornassem um único, assim, a preposição de + a palavra, passam a ser pronunciadas de outra forma, isto é, [δɪ] + [ɪσ.κε.∇σε4] = [δɪσ.∇κι.σι]. Para demonstrar se essa explicação é adequada e se aplica a outros casos, são necessários estudos futuros que envolvam haplologia ou mesmo casos de sândi.

No quadro seguinte, foram encontrados casos de adição de uma sílaba inteira:

Quadro 3 – Prótese de sílaba

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>guerra</i>	[∇γEξ6]	baguera	[βα∇γE4α]	guerra
<i>nova</i>	[∇vOπ6]	banova	[βα∇vOπα]	nova

Fonte: Elaboração própria

Esse fenômeno nos fez questionar o porquê de a inserção se dar por <ba> e não por outro segmento. A partir desses dois exemplos, observamos transformações no nível silábico, em que a palavra passa de dissílaba para trissílaba, mas continua sendo paroxítona. É possível que estudos futuros possam descrever que o <ba> seja um prefixo; pois, segundo o dicionário de Scantamburlo, essa adição é referente ao prefixo de plural, a título de exemplo, “prefixo de plural, + GUERRA, que designa os guerreiros” (SCANTAMBURLO, 2001, p. 55). Essa possibilidade somente poderá ser confirmada ou refutada com estudos futuros, analisando também se há outros dados semelhantes a esse. É possível também que se trata de uma característica diacrônica, e o <ba> anteposto poderia atualmente não ser mais um prefixo que altera ou reforça o sentido da palavra.

No quadro 4 há também a inserção de consoante nasal, acompanhada ou não de vogal.

Quadro 4 - Próstese da consoante nasal (antecedida ou não pela vogal)

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>gabado</i>	[γα∇βαδY]	ngabadu	[ιNγα∇βαδυ]	gabado
<i>guincho</i>	[∇γωι~ΣY]	nguintcu	[ι~N∇γι~τΣυ]	guincho
<i>gabação</i>	[γαβα∇σα~ω~]	ngabason	[Nγαβα∇σο~]~[ιNγαβα∇σο~]	gabação
<i>ganhar</i>	[∇γα~∇θα4]	nganha	[∇Nγα~θα]~[ιN∇γα~θα]	ganhar
<i>gabar</i>	[γα∇βα4]	ngabar	[ι~Nγα∇βα4]~[Nγα∇βα]	gabar

Fonte: Elaboração própria

A prótese da consoante nasal velar, ilustrada no quadro 4, é também descrita por Costa (2019) como sendo um segmento de núcleo vazio: “Segundo esta perspectiva de análise, o segmento nasal inicial preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo vazio e, neste contexto, partilha com o segmento adjacente à direita a especificação de nasalidade, [Nkãnta] possui uma estrutura silábica C.CVC. CV.” (COSTA, 2019, p.118). Observa-se que, no exemplo da citação a inserção é de uma consoante nasal [N] antecedida da consoante oclusiva [κ]. Neste trabalho, não consideramos que o núcleo silábico seja vazio, mas que o segmento nasal está inserido na mesma sílaba, assim ela seria <Nkã> CCVC. Nas ocorrências em que a palavra é iniciada por vogal, teríamos duas sílabas: <iN + kã>.

Com relação aos exemplos do quadro 4, destaca-se que os informantes às vezes proferem o segmento nasal com a inserção da vogal [ι], por vezes pronunciam o som de [N], mas como se tivesse sido inserido um outro segmento que parece ser uma vogal nasal [α~], <**ngabar**> [ι~Nγα∇βα4], [α~N∇γαβα]. Essa impressão de oitiva precisa ser analisada com mais detalhes em estudos acústicos posteriores.

4.2 Processo de inserção: Epêntese

Em continuação, a epêntese, adição muito comum no português brasileiro: *Unilab* [υνι∇λαβι] e europeu: “*advogado* [αδεπο∇γαδυ]” (VIARO, 2011, p.134), é também evidenciada nesta pesquisa sobre o GB.

Neste trabalho, ocorre tanto inserção de consoante nasal em prótese diante de consoantes, no quadro 4, quanto nasalização em epêntese, no quadro 5, em que a vogal oral passa a nasal:

Quadro 5 - Epêntese de traço nasal na vogal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>formiga</i>	[fɔ4∇μιγ6]	furminga	[fɔ4∇μι~γα]	formiga
<i>fumaça</i>	[fɔ∇μασ6]	fumansa	[fɔ∇~μα~σα]	fumaça
<i>nascer</i>	[να∇σε4]	nansi	[∇να~σι]	nascer
<i>clareza</i>	[κλα∇4εζ6]	klarensa	[κλα∇4ε~ζα]~[κλα∇ρε~ζα]	clareza
<i>adoecer</i>	[αδοε∇σε4]	duensi	[δυ∇ε~σε]~[δυ∇ε~σι]	adoecer

Fonte: Elaboração própria

Na coleta de dados, foram registradas algumas palavras que passaram a ter uma vogal nasalizada no seu interior pela inserção de um elemento nasal. Nesse sentido, em três exemplos registrados no quadro 5, é provável que a consoante que vem antes influencie o segmento seguinte, isto é, [fɔ∇~μα~σα], [fɔ4∇μι~γα] e [∇να~σι] (nasalidade regressiva); assim não se teria necessariamente uma inserção, mas um segmento que influencia o outro. No caso de <**duensi**> pode ter ocorrido uma analogia com <*duente*>, resultando em: [δυ∇ε~σε] ~ [δυ∇ε~σι], ocorrendo a reanálise da classe gramatical. As outras palavras do quadro 5 precisam de estudos futuros para terem suas inserções explanadas.

O quadro 5 mostra casos de inserção de [ɪ] considerando a realização do português europeu:

Quadro 6 - Epêntese do [ɪ]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>admissão</i>	[αδμι∇σα~ω~~]	adimison	[αδμι∇σο~]	admissão
<i>adquirir</i>	[αδκι∇4ι4]	adikiri	[αδι∇κι4ι]~[ε~δι∇κι4ι]	adquirir
<i>administra r</i>	[αδμινισ∇τ4α4]	adiministr a	[αδμι∇νιστ4α]~[αδμινισ∇τ4α 4]	administra r

Fonte: Elaboração própria

Segundo Viaro (2011, p.134), a inserção de [ɪ] é comum no português brasileiro e também foi encontrada no guineense. Para mais detalhamento sobre esta inserção, Teyssier (2001) descreve que o encontro consonantal é desfeito pelo acréscimo da vogal <i> em palavras de origem erudita “admirar, advogado, observar, psicologia, ritmo por admirar, advogado, observar, psicologia, ritmo” (TEYSSIER, 1982, p. 68). Vale apontar que a descrição do autor menciona palavras do português brasileiro que variam a pronúncia sem alterar o seu significado pela inserção de uma vogal, que em tais casos seria a vogal <e> ou <i>. Sendo assim, não é possível afirmar categoricamente em qual língua ocorreram essas epênteses,

pois as palavras podem ter sido introduzidas no guineense a partir do português já com esse acréscimo.

No quadro 7, é evidenciado o fenômeno da inserção de consoante, mas nesse caso no interior da palavra, sendo um caso um tanto incomum de epêntese segundo Viaro (2011). O autor aponta que é mais comum a inserção de uma vogal, porém foram encontradas palavras com acréscimos de consoantes no *corpus*, como os exemplos no quadro 7 de adição de [4] e [β].

Quadro 7 - Epêntese de consoante

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>vacinar</i>	[ʋασι∇να4]	barsina ou varsina	[ʋα4∇σινα]	vacinar
<i>inhame</i>	[ɪ~∇θα~μɪ]	nhambi	[ɪ~∇θα~βɪ]~[∇θα~βɪ]	inhame
<i>tâmara</i>	[∇τα~μα46]	tambra	[∇τα~β4α]~[∇τα~μβ4α]	tâmara

Fonte: Elaboração própria

No caso da inserção de [β], nota-se que ela ocorre em palavras que tinham a consoante [μ], que é produzida com o mesmo ponto de articulação, ou talvez, este segmento nasal possa ser apenas <m> gráfico, neste caso resultando em uma vogal com traço nasal. Nos casos de inhame e tâmara, é possível que ao invés de uma epêntese, sucede uma transformação, o <m> passou a ser , porque os dois apresentam o mesmo ponto de articulação, bilabiais vozeados. Essa explicação, pode ser referente à explicação de Teyssier (1982) em que a consoante nasal transmite a nasalidade e pode ser apagada ou não, mas são hipóteses, sendo necessários estudos mais detalhados. Essas hipóteses precisam ser testadas com mais detalhes em estudos futuros.

Outro comportamento registrado na coleta de dados foi a modificação em algumas palavras que possuem onset complexo: português [∇φλEΣ6] – guineense [φE∇4EτΣα]; português [πλα~∇τα4] – guineense [πα∇4α~ντα] como será demonstrado nos dados do quadro 8:

Quadro 8 - Epêntese de vogal e mudança na estrutura de palavras com onset complexo

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>flecha</i>	[∇φλEΣ6]	feretca	[φE∇4EτΣα]	flecha
<i>esfriar</i>	[εσφ4ɪ∇α4]	firianta	[φɪɪ∇ε~ντα]	esfriar
<i>grandeza</i>	[γ4α~∇δεζ6]	garandesa	[γα4α~∇δεσα]	grandeza
<i>grão</i>	[∇γ4α~ω~]	garan	[γα∇4α~]	grão
<i>plantar</i>	[πλα~∇τα4]	paranta	[πα∇4α~ντα]	plantar

Fonte: Elaboração própria

Nesses casos, o fenômeno de epêntese desfaz o onset complexo. O fato de haver palavras no guineense com onsets complexos mostra que a língua permite tal estrutura. Assim, a ocorrência da epêntese não é justificada pela impossibilidade de onsets complexos. Segundo Viaro (2011), esse fenômeno da inserção da vogal não ocorre apenas no guineense, mas também no português brasileiro padrão:

A epêntese vocálica para separar encontros consonantais, contudo, segue regras específicas em cada sincronia. No português brasileiro padrão, toleram-se basicamente encontros em duas situações: (a) a primeira consoante é uma oclusiva ou uma fricativa labiodental e a segunda consoante é um r ou um l; (b) a primeira é um s, um l ou um r e a segunda é qualquer consoante. No entanto, houve variantes em que essas também estiveram sujeitas à epêntese: ingl *sleeper* > *chupila*; *flor* > *fulô*; *dificuldade* > *dificulidade* (VIARO, 2011, p.134).

Com isso, percebemos que os casos do quadro 8 se enquadram em consoantes oclusiva [ɣ] ou fricativa [ɸ] seguidas de [4] ou [λ], que no guineense passam a ser pronunciadas com onset complexos desfeitos. Além disso, não é foco desse trabalho mencionar o fenômeno de rotacismo, mas, como vemos em *planta* – **paranta** e *flecha* – **feretca**, além da epêntese, o processo de o <l> passar para <r>.

4.3 Processos de inserção: Paragoge

Nos dados foram encontrados alguns casos de paragoge, como indicado no quadro 9:

Quadro 9 - Paragoge de vogal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>cascavel</i>	[κασκα∇⊞Eω]	kaskabelu	[κασκα∇βEλυ]	cascavel
<i>ter</i>	[∇τɛ4]	tene	[τɛ~∇∇E]	ter

Fonte: Elaboração própria

Em Costa (2014), não foram mencionados exemplos de paragoge no guineense. Esse é um dos fenômenos comuns no português do Brasil, que consiste no acréscimo de segmentos, como [ɪ] ou mesmo [ɛ], no final das palavras introduzidas por empréstimo e terminadas com consoantes, pelo fato de elas não serem permitidas nessa posição (como é o caso de *club*, *top* e *hot dog*, em que é adicionada uma vogal na fala dos brasileiros). Entretanto, de acordo com esses resultados, percebemos que, no guineense, o fenômeno de paragoge é restrito e distinto dos mencionados por Viaro (2011, p.137): “*sob* > [∇σοβɪ]; *USP* > [∇υσπɪ]. A seguir, daremos início aos processos de apagamento.

4.4 Processo de apagamento: Aférese

No quadro 10 serão analisadas algumas palavras em que ocorre a perda da vogal [α] e da vogal [ε]/ [↔] no início da palavra.

Quadro 10 - Aférese da vogal [α] e [ε]/ [↔]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>abatimento</i>	[αβατι∀με~τY]	batimentu	[βατι∀με~ντυ]	abatimento
<i>abençoar</i>	[αβε~νσο∀α4]	bensua	[∀βε~νσωα]	abençoar
<i>atacar</i>	[ατα∀κα4]	taka	[∀τακα]	atacar
<i>empenho</i>	[ε~∀πεθY]	mpenhu ou impenhu	[ι~μ∀πεθυ] ~ [ε~μ∀πεθυ] ~ [∀μπεθυ]	empenho
<i>embaixador</i>	[ε~βασα∀δο4]	imbachadur ou mbachadur	[ι~μβασα∀δο]~[ε~μβασα∀δο4]~[μβασα∀δο4]	embaixador

Fonte: Elaboração própria

Os casos com a vogal [α] também foram registrados por Costa (2014, p.200), que afirma que “há alguns exemplos que correspondem a apagamento silábico de fato (e não redução), tais como ['kabɐ] “*acabar*”, ['dʒudɐ] “*ajudar*”, ['gosɪ] “*agora*” etc.”, exemplos estes em que a palavra perde a sílaba inicial, modificando sua estrutura silábica.

Nas palavras iniciadas pela vogal <e>, aparecem pronúncias tanto com [μ] quanto com as vogais [ι] e [ε]. Vale mencionar que um voluntário proferiu as palavras de uma forma distinta dos demais informantes, [ε~μβασα∀δο4] ~ [ε~μ∀πεθυ]. Porém, não podemos afirmar, sem estudos detalhados, se a consoante era a nasal [μ] ou se houve a inserção de uma vogal nasal [ε~]. Vale destacar, que o informante possui o GB como L1, além de ser falante de mandinga e do português guineense, e as línguas mencionadas podem ser um dos motivos de tais diferenças na pronúncia, sendo esse um aspecto a ser observado em estudos futuros.

Chapouto (2019) especifica que “em posição de início de palavra, verifica-se também a possibilidade de ocorrência de um segmento vocálico à esquerda do segmento pré-nasalizado.” (CHAPOUTO, 2019, p.286), ou o fenômeno de aférese, que permite que a queda da vogal <e> resulte em uma consoante antecédida por elemento nasal. Como vemos em *embaixador* - **mbachadur** ou **imbachadur**, pode haver aférese do <e>, sua manutenção ou mesmo a substituição da vogal [ε] por [ι].

A seguir, no quadro 11, encontra-se exemplos de aférese da vogal <e>:

Quadro 11 - Aférese da vogal [ε], resultando em palavras iniciadas com [σπ] e [στ]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>espirrar</i>	[εσπι∇ξα4]	spira	[∇σπι4α]	espirrar
<i>explorar</i>	[εσπλΟ∇ρα4]	splora	[∇σπλΟ4α]	explorar
<i>estar</i>	[εσ∇τα4]	sta	[∇στα]	estar
<i>estragar</i>	[εστ4α∇γα4]	straga	[∇στ4αγα]	estragar
<i>estante</i>	[εσ∇τα~τΙ]	stanti	[∇στα~τι]	estante

Fonte: Elaboração própria

No quadro 11 são registradas palavras iniciadas com <e> em português que passam a ser pronunciadas com onset complexo em guineense: <estar, **sta**>, <espirrar, **spira**>. Nelas há eliminação da primeira vogal na palavra que passam a ser proferidas como [∇σπι4α], [∇στα] respectivamente. Esse fenômeno do apagamento da vogal inicial também é recorrente em palavras iniciadas com [στ] <estante, **stanti**> e o mesmo acontece com <explora, **splora**>, ocorrendo o apagamento da primeira vogal caia e sua primeira sílaba passa a ser pronunciada com três consoantes, [∇σπλΟ4α], resultando em onset complexo iniciado por [σ]. Esse processo não é categórico; pois, diante de <especial>, não ocorreu essa perda, pois o informante pronunciou [εσπε∇σφα5]. Realizações como essa não ocorrem no português do Brasil; por exemplo, palavras que no latim foram registradas com <s> + consoante atualmente são pronunciadas com som inicial de [i] ou [ε] e grafadas com o <e>, latim *speculum* > português espelho (VIARO, 2011).

Os casos de aférese em palavras iniciadas por <es>, <ex>, , <en> podem ser explicados como dois fenômenos comuns de apagamento:

- I. a sílaba inteira é apagada (como se vê no quadro 12);
- II. apenas a vogal é apagada (como se observa no quadro 13):

Quadro 12 - Aférese da sílaba inteira

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>esfaqueamento</i>	[εσφακια∇με~τΥ]	fakiamentu	[φακφα∇με~τυ]	esfaqueamento
<i>esfriar</i>	[εσφ4ι∇α4]	firianta	[φι4ι∇ε~τα]	esfriar
<i>enxaguado</i>	[ε~Σα∇γωαδΥ]	chogadu	[ΣΟ∇γαδυ]	enxaguado
<i>engraxador</i>	[ε~γ4αΣα∇δο4]	grachadur	[γ4αΣα∇δο4]	engraxador
<i>envenenar</i>	[ε~ωε~νε~∇να4]	venena	[ωε∇~νε~να]	envenenar

Fonte: Elaboração própria

Quadro 13 - Aférese da vogal <e>

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>espanto</i>	[εσ∇πα~τΥ]	spantu	[∇σπα~τυ]	espanto
<i>espada</i>	[εσ∇παδ6]	spada	[∇σπαδα]	espada

<i>inveja</i>	[ɪ~vβEZ6]	nvedja	[vβEδZα]	inveja
<i>enfastiar</i>	[ε~φαστιVα4]	nfastia	[vφαστιVα]~[vφασVτφα]	enfastiar
<i>enganar</i>	[ε~γα~Vvαρ]	ngana	[vNγα~vα]~[ɪNvγα~vα]	enganar

Fonte: Elaboração própria

A partir das leituras de Chapouto (2017), encontram-se mais palavras com segmentos iniciais com a perda de vogal e a presença somente da consoante:

- a. [mp] mpura ["mpuRa] (empurrar) [mb] mbarka ["mbaRka] (embarcar) [nt] ntera ["nteRa] (enterrar) [nd] ndirita [ndi"Rita] (endireitar) [Nk] nkanta ["Nkānta] (encantar) [Ng] nguli ["Nguli] (engolir) [ndZ] ndjudja ["ndZudZa] (unir) [ntS] intci ["~intSi] (encher) (CHAPOUTO, 2017, p.287).

Em decorrência do fenômeno de aférese das vogais, as também podem passar a ser pronunciadas com a consoante nasal [v]. Sobre esses exemplos há duas interpretações, conforme mencionado ao discutir prótese: uma menciona que esse caso seria consoante pré-nasalizada, e a outra proposta diz que a consoante <n> está em uma sílaba sozinha, seguindo um núcleo não preenchido (proposta não adotada nesse artigo).

No quadro 14, há outros exemplos de aférese da vogal:

Quadro 14 - Aférese da vogal, resultando em consoante nasal na sílaba

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>enervar</i>	[εvE4Vα4]	nerva	[vβE4α]	enervar
<i>inhame</i>	[ɪ~vθα~μl]	nhambi	[ɪ~vθα~βɪ]~[vθα~βɪ]	inhame

Fonte: Elaboração própria

Destaca-se que, no quadro 14, há aférese em <**nerva**>. Como vemos em <**nhambi**>, há duas formas de pronunciar: sem aférese e com aférese, [ɪ~vθα~βɪ]~[vθα~βɪ].

4.5 Processo de apagamento: Síncope

A síncope é um dos processos mais diversificados quando comparado aos outros processos de apagamento. Segundo Viaro (2011), essa é a supressão mais comum e ocorre no interior da palavra, sendo classificada em diferentes tipos:

- I. Síncope da postônica
- II. Síncope da pretônica
- III. Síncope consonantal

I. Síncope da postônica

De acordo com Viaro (2011, p.143), a síncope da postônica é registrada no português antigo, sendo um fenômeno que possibilitou transformações de palavras proparoxítonas em paroxítonas. Destaca-se, mais uma vez, que, em alguns casos que veremos a seguir no quadro, há outros processos além da síncope da postônica, como se vê a seguir em <relâmpago>.

Quadro 15 - Síncope da vogal postônica medial

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>relâmpago</i>	[ɨε∇λα~παγY]	orlampu	[O4∇λα~πυ]	relâmpago
<i>tâmara</i>	[∇τα~μα46]	tambra	[∇τα~μβ4α]	tâmara
<i>tísico</i>	[∇τσισικY]	tisgu	[∇τισγυ]	tísico

Fonte: Elaboração própria

No caso de *tísico* [∇τσισικY] – **tisgu** [∇τισγυ], o que ocorre é uma transformação também evidenciada por Viaro (2011, p. 144), em casos que envolvem um <s>, primeiro realiza-se a queda da vogal postônica e seguidamente a consoante oclusiva surda [κ] passa a ser a vozeada [γ], sucedendo uma pronuncia como [∇τισγυ]. Além do mais, em <relâmpago> efetua-se queda do [ε] juntamente com a vogal [α].

II. Síncope da pretônica

A síncope da pretônica é um caso de apagamento comum na língua portuguesa. A partir dessa pesquisa, coletamos algumas palavras guineenses que sofreram alterações:

Quadro 16 - Síncope de [α], [ε], [i] [o]/ [O]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>tisicar</i>	[τισι∇κα4]	tisga	[∇τισγα]	tisicar
<i>região</i>	[ρEZι∇α~ω~]	rejon	[ρE∇Zo~]	região
<i>parecido</i>	[παρε∇σιδY]	parsidu	[πα4∇σιδυ]	parecido
<i>virilha</i>	[πι∇4ιΛ6]	bridja	[∇β4ιδZα]	virilha
<i>maionese</i>	[μα∇φονEζI]	maines	[μαφ∇vEσ]	maionese
<i>malagueta</i>	[μαλα∇γετ6]	malgueta	[μα∇γετα]	malagueta
<i>desacostumar</i>	[δισακυστυ∇μα4]	diskustuma	[δισκυσ∇τυμα]	desacostumar
<i>bolanha</i>	[βO∇λα96]	blanha	[∇λα9α]~[βO∇λα9α]	vasto terreno

Fonte: Elaboração própria

Segundo Viaro (2011) esse fenômeno da síncope da pretônica é encontrado desde a passagem do latim para o português e, com menos frequência, no <o> e

<u>, mas no quadro 17 é registrada também a queda da sílaba pretônica inteira em [ʋλaθa]. Outrossim, há transformação de onset complexo em: [ʋβ4iδZa], demonstrando que o sistema do guineense consente tal estrutura.

III. Síncope consonantal

A síncope consonantal é um fenômeno evidenciado em registros escritos do português. Essa síncope permanece comum atualmente segundo Viaro (2011), sendo que alguns casos serão demonstrados no quadro 17.

Quadro 17 - Síncope da consoante no interior da palavra

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>advento</i>	[aδwε~τY]	aventu	[aʋwε~τυ]	advento
<i>eclipse</i>	[Eʋκλιπσι]	eklisi	[Eʋκλισι]	eclipse
<i>comborçaria</i>	[ko~βO4ʋσαρι6]	kumbosadia	[κʋ~βOʋσαδφα]	comborçaria
<i>absorver</i>	[αβσο~ʋwε4]	asorbi	[αʋσορπι]~[αʋσορβι]	absorver

Fonte: Elaboração própria

Nota-se que no quadro 17, há exemplos da síncope do [δ]: <advento> para <**aventu**> do [π]: <eclipse> para <**eklisi**>, do [4]: <comborçaria> para <**kumbosadia**>, também do [β]: <absorver> para <**asorbi**>.

4.6 Processos de apagamento: Apócope

A apócope, fenômeno muito comum no português, acontece desde a passagem do latim. Nesse período, algumas consoantes foram eliminadas no português, como registrado por Viaro (2011, p.152) queda de consoantes, como ‘c’, ‘t’, ‘b’, ‘d’, ‘m’; por exemplo, latim amat > português ama; latim jam > português já; latim et > português e. Para uma melhor organização da análise, iremos dividir os processos de apócope em duas seções, entre os itens nominais e as formas verbais.

- I. Nominal
- II. Verbal

I. Nominal

As coletas registraram as palavras do quadro 18, em que ocorre a queda do traço nasal no final das palavras.

Quadro 18 - Apócope do traço nasal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>homem</i>	[ʋo~με~]	omi	[ʋo~μι]	homem
<i>ordem</i>	[ʋO4δε~]	ordi	[ʋO4δι]~[ʋOpδι]	ordem
<i>passagem</i>	[παʋσαZε~]	passadju	[παʋσαδZυ]~[παʋσαδυ]	passagem
<i>selvagem</i>	[σEωπαʋZε~]	salbas	[σα5ʋβαφσ]~[σα5ʋβασ]	selvagem

Fonte: Elaboração própria

Nas palavras <*homem*> e <*ordem*>, além da queda do traço nasal (que pode inclusive ocorrer junto com o glide), a vogal também muda: [ε] > [ι]. Ademais, no caso da palavra *passagem* - **passadju**, nota-se, na pesquisa, que além da queda do <m>, a palavra pode mudar a consoante e a vogal, passando a ter uma pronúncia com [δZυ] ou [δ], diferentemente do português que possui [Zε~].

Ademais, observa-se que a eliminação de <*selvagem*> é para além do apagamento do <m>, sendo que permanece apenas o primeiro elemento da sílaba final que sofre algumas mudanças: [Z] passa a [σ] e é incorporado à sílaba anterior. A palavra, assim, transformou-se para <**salbas**> que apresentou duas variantes: [σα5ʋβαφσ]~[σα5ʋβασ].

A seguir mais exemplos de apócope nominal:

Quadro 19 - Apócope de átonas finais

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>baixo</i>	[ʋβαφΣY]	bas	[ʋβασ]	baixo
<i>raio</i>	[ʋραφY]	rai	[ʋραφ]	raio
<i>vale</i>	[ʋπαλI]	val	[ʋπα5]	vale
<i>calabouço</i>	[καλαʋβοωσY]	kalabus	[καλαʋβυσ]	calabouço
<i>valioso</i>	[παλιʋοζY]	balius	[βαʋλιωσ]	valioso
<i>almoço</i>	[αωʋμοσY]	almos, almosu	[α5ʋμυσ]~[α5ʋμοσυ]	almoço
<i>alface</i>	[αωʋφασι]	alfas, alfasi	[α5ʋφασ]~[α5ʋφασι]	alface
<i>farelo</i>	[φαʋ4EλY]	farel	[φαʋ4E5]~[φαʋ4Eλυ]	farelo
<i>maionese</i>	[μαʋφονEζI]	maines	[μαφʋνEσ]~[μαφʋνEφσ]	maionese

Fonte: Elaboração própria

Há casos de variação na pronúncia com e sem apócope, em palavras que pertencem ao campo semântico **alimentação**, como em <*almoço*>, <*alface*>, <*farelo*>.

No quadro 19, observa-se também que, por vezes, ao eliminar a vogal, desencadeia-se uma mudança no número de sílabas, sendo assim, os fenômenos da queda das vogais serão interpretados em categorias:

- A queda da vogal não interfere no número de sílabas da palavra
Exemplo de *remédio* - **remedi** = re - me - di.
- A queda da vogal permite modificar o número de sílabas da palavra.
A palavra *raio* passa de duas sílabas para uma única sílaba, ex. *raio* = ra-io - **rai**, há casos de palavras trissílabas que passam a dissílabas: em **alface** - alfas.
- É possível notar que em *remédio* também tenha acontecido monotongação: **remedi** [peðiɔ] > [ði].

Em alguns casos registados no quadro 19 o apagamento da vogal permitiu que o onset passasse para a coda, como em: *valioso* - **balius**; *farelo* - **farel**: esses exemplos ocorreram pelo fato de os segmentos <s> e <l> poderem ocupar a posição de coda, como evidenciado na pesquisa de Costa (2021) sobre a posição de coda no guineense.

Vale destacar que <**abadju**> foi o único nome em que ocorre a queda do <r> final [αβα∇Zu4] ~ [α∇βαδZu]. Salienta-se que esse comportamento da manutenção do <r> em nomes também foi constatado no trabalho de Balde (2021). Em resumo, pode ser um indício de que o [4] em nomes se comporta diferentemente dos verbos, que serão descritos a partir do quadro 20.

II. Verbal

Vale mencionar que foram constatados apagamentos em verbos, como se observa no quadro 20:

Quadro 20 - Apócope de <r> em verbos

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>cheirar</i>	[ΣEφ∇4α4]	tcera	[∇τΣE4α]	cheirar
<i>olhar</i>	[O∇Λα4]	odja	[∇OδZα]	olhar
<i>entrar</i>	[ε~∇τ4α4]	ientra	[∇φε~τ4α]	entrar
<i>fadigar</i>	[φαδι∇γ4]	fadiga	[φαδι∇γ4]	fadigar
<i>crucificar</i>	[κ4υσιφi∇κ4]	krusifika	[κ4υσι∇φiκ4]	crucificar
<i>chatear</i>	[Σατι∇α4]	chatia	[Σα∇τια]	chatear
<i>bater</i>	[βα∇τε4]	bati	[∇βατι]	bater
<i>comer</i>	[κυ∇~με4]	kume	[∇κυ~με]	comer
<i>ofender</i>	[Oφε∇~δε4]	ofendi	[O∇φε~δι]	ofender
<i>defender</i>	[δεφε~∇δε4]	difindi	[δι∇φi~δι]	defender

<i>socorrer</i>	[σokoVξε4]	sakura	[σαVκυ4α]	socorrer
<i>emagrecer</i>	[ε~μαγ4εVσε4]	magrisi	[μαVγ4ισι]	emagrecer
<i>ferir</i>	[φεVρι4]	fidi	[Vφιδι]	ferir
<i>vestir</i>	[πισVτι4]	bisti	[Vβιστι]	vestir
<i>ouvir</i>	[οωVπι4]	obi	[Vοβι]	ouvir
<i>aplaudir</i>	[απλωVδι4]	aplaudi	[αVπλωδι]	aplaudir
<i>engolir</i>	[εNγοVλι4]	nguli	[ιNγυVλι]	engolir
<i>adquirir</i>	[αδικιV4ι4]	adikiri	[α~διVκι4ι]~[αδιVκιρι]	adquirir

Fonte: Elaboração própria

Não é o foco desta pesquisa falar sobre as transformações que ocorrem com a vogal, entretanto vale reforçar que, na maioria das palavras, de segunda conjugação coletadas, a vogal final passa de média [ε] para alta [ι] após a queda do [4] final. <**kume**> do quadro 20 é um exemplo de que o [4] final cai, mas a vogal continua com som de [ε], como em <*debater*>, caso também encontrado na coleta, contudo há duas possibilidades: com [ε] e [ι] <**dibati, debate**> [διVβατι] ~ [διVβατε].

A partir das leituras de Viaro (2011), conjectura-se que o apagamento do <r> em final de palavras é um acontecimento recente no português. Isso porque, o autor menciona, no seu trabalho, que o <r> dos verbos no infinitivo ainda é mantido, porque algumas pessoas conservam a forma escrita. Da mesma maneira, Paul Teyssier, argumenta que “o português do Brasil tende a suprimir o <r> no final das palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer).” (TEYSSIER, 1982). Como ilustrado no quadro, a queda do <r> também é um fenômeno que ocorreu nesta pesquisa no final dos verbos do guineense, sendo um indicativo de que possivelmente a palavra entrou na língua como <r> e se modificou ao longo do tempo. Além da apócope, também acontece mudança no padrão acentual, aspecto não abordado nesse estudo.

Outros casos de apócope ocorrem nos advérbios. Viaro (2011, p. 152) constata o fenômeno de queda do <m> e descreve que ela exerce uma continuidade desde o latim vulgar: “o –m não caiu apenas quando era marca do acusativo, mas também em advérbios (já no latim vulgar), [...]”. Em conclusão, nota-se que o apagamento da consoante <m> é um processo antigo que também foi evidenciado nesta pesquisa: português *anteontem* [α~τιVο~τε~~] - guineense **antionti** [α~τιVο~τι]; português *também* [τα~~Vβε~~] - guineense **tambe ou tambi** [τα~Vβε]~[Vτα~βι].

4.6 Processos de Monotongação

A monotongação em si não é foco do artigo, contudo foram coletados dados recorrentes desse fenômeno que serão apresentados nos quadros a seguir. Em Costa (2014, p.208), evidencia-se um processo no guineense que é denominado de

coalescência vocálica, isto é, monotongação de ditongo “(712) ['liti] – /liti/ ‘leite’ (713) ['kuro] – /kuru/ ‘couro’ (714) ['fere] – /fera/ ‘feira’ (715) [ka'dere] – /kadera/ ‘cadeira’ (716) [ma'dere] – /madera/ ‘madeira’ (717) ['sete] – /seta/ ‘aceitar’ (718) ['tferu] – /tferu/ ‘cheiro’.” Nestes casos, ocorreram as seguintes mudanças nos ditongos: [εφ] > [ε]; [ow] > [o] > [u].

O quadro 21 apresenta casos de monotongação de <au>:

Quadro 21 - Monotongação em: aw> ow

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>aumentar</i>	[αυμε~τα4]	omenta	[O∇με~τα]	aumentar
<i>autoridade</i>	[αυτορι∇δαδI]	otaridadi ou otridadi	[Oταρι∇δαδI]	autoridade
<i>autorizar</i>	[αωτορι∇ζα4]	otriza	[O∇τ4ιζα]	autorizar

Fonte: Elaboração própria

Nos dados do quadro 21, acontecem dois processos: primeiro tem-se a mudança do ditongo <aw>, passando para <ow> (*aumentar* > **omenta**) e, depois o glide cai, resultando em <o> (*aumentar* > **omenta**).

No quadro 22, aparece a monotongação de [κεφ] > [κε]:

Quadro 22 - Monotongação: [κεφ] > [κε]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>queimar</i>	[κεφ∇μα4]	kema	[∇κεμα]	queimar
<i>boqueira</i>	[βο∇κεφ46]	bokera	[βο∇κε4α]	boqueira
<i>queixa</i>	[∇κεφΣ6]	kesa	[∇κεζα]	queixa
<i>coqueiro</i>	[κο∇κεφ4Y]	kukeru	[κυ∇κε4υ]	coqueiro
<i>queijo</i>	[∇κεφZY]	keju	[∇κεZυ]~[∇κεφZυ]	queijo

Fonte: Elaboração própria

A monotongação ilustrada anteriormente pode ter ocorrido no próprio português. No caso de <queijo>, a palavra pode ser pronunciada tanto com o glide quanto sem ele: [∇κεφZY] ~ [∇κεZυ]. Segundo Viaro (2011, p. 145), “também podem ser entendidos como uma síncope da pretônica, em casos semelhantes a quieto > [∇κετυ]”. Essa explicação não vale para o caso de <queima; **kema**>, <boqueira; **bokera**>, <coqueiro; **kukeru**>, já que o ditongo se encontra em sílaba tônica.

Há também casos de síncope do glide em posição postônica, como se observa no quadro 23:

Quadro 23 - Síncope em posição postônica

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>blasfêmia</i>	[βλασ∇φεμ6]	blasfema	[βλασ∇φεμα]	blasfêmia
<i>eficiência</i>	[Eφισι∇ε~νσφ6]	efisensa	[Eφι∇σε~νσα]	eficiência
<i>hérnia</i>	[∇E4νφ6]	erna	[∇E4να]	hérnia
<i>ignorância</i>	[ιγνO∇4α~σφ6]	ignoransa	[ιγνO∇4α~σα]	ignorância

Fonte: Elaboração própria

São exemplos de redução das sílabas: [σφα] > [σα] , [μφα] > [μα], [νφα] > [να], em que o apagamento do glide se dá posteriormente à sílaba tônica. Com relação aos locais em que esse processo ocorre em português, Viaro (2011) afirma:

Associa-se esse fenômeno ao falar nordestino, mas na verdade não há determinação clara da sua extensão, nem se se trata de fenômeno generalizado ou exclusivo. Além de ocorrer também em áreas de Portugal, encontra-se tal fenômeno em Goa e em Sri Lanka. (VIARO, 2011, p.145).

Assim sendo, como apontado no quadro 23, é também um fenômeno recorrente que foi registrado nos dados.

O quadro 24 apresenta casos de monotongação de <gwa>:

Quadro 24 - Síncope do glide [w]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>enxaguado</i>	[ε~Σα∇γωαδY]	chogadu	[ΣO∇γαδυ]	enxaguado
<i>vanguarda</i>	[ϰα∇~γωα□δ6]	vanguardia	[ϰα∇~γα4δiα]~[ϰα∇N~γα4δiα]	vanguarda

Fonte: Elaboração própria

Como registrado no quadro 24, dois exemplos de palavras em que acontece a queda do glide e passam a ser pronunciadas com o [γα], [ε~Σα∇γωαδY] – [ΣO∇γαδυ]. Outro caso de monotongação ocorre na palavra [∇βαφΣY] – [∇βασ]. Nela, além da ocorrência da síncope (monotongação), também há apócope, resultando na modificação na estrutura silábica da palavra que passa de dissílaba para monossílaba.

5 Conclusão

A partir da coleta de dados, observa-se que os casos de apagamento foram mais vastos em comparação aos de inserção. De fato, os processos de acréscimos de segmentos mais comuns nas análises, foram as inserções vocálicas de [α] e [ι], o processo mais incomum demonstrado nessa pesquisa foi o acréscimo no final da

palavra, para o qual foram encontrados apenas dois exemplos, como <**tene**> e <**kaskabelu**>. Os processos fonológicos de apagamento, no geral, foram os mais encontrados, em destaque os de apócope, que consiste na eliminação de segmentos no final das palavras. Esses casos, na sua maioria, foram identificados em palavras verbais em que o <r> era apagado, e encontrados em verbos das três conjugações <ar>, <er> e <ir>.

A depender de onde a língua esteja inserida, ela é transformada por seu contexto linguístico, e no caso da Guiné-Bissau, não se pode esquecer que há um cenário multilíngue, através da pesquisa sugere-se que é possível que as línguas presentes de fato influenciem diretamente na fala dos habitantes do país, essas hipóteses só poderão ser confirmadas ou refutadas após estudos futuros para observar o quanto as línguas autóctones modificam o cenário linguístico de Guiné-Bissau, influenciando o GB. Assim, conclui-se que são necessários trabalhos futuros para investigar algumas abordagens que não foram detalhadas neste *corpus*, para acrescentar em pesquisas linguísticas sobre o guineense, principalmente dos aspectos fonológicos.

Referências

- BALDE, M. B. *Adaptação fonética-fonológica de empréstimo do português para o guineense*. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.
- BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné: Crioulo e sua gênese*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017
- BOXER, C. R. *O império marítimo português 1415-1825*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHAPOUTO, S. M. da C. *Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.
- CHAPOUTO, S. M. da C.; PEREIRA, I. Contributo para a descrição da estrutura silábica do guineense. *PAPIA*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 111-130, Jul/Dez 2019.
- CHAPOUTO, S. M. C. Consoantes pré-nasalizadas do guineense: segmentos fonéticos ou fonológicos? *PAPIA*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 283-292, Jul/Dez 2017.
- COSTA, P. M. *A sílaba fonética do guineense moderno: a posição de coda*. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.
- COSTA, P. M. *Descrição fonológica do crioulo Guineense: origem e desenvolvimento do crioulo guineense*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2014.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FARACO, C. A. Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. pp. 31-50. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LUCCHESI, D. *Línguas em Contato*. 2003.
- MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

PRATAS, F. *O Sistema Pronominal do Caboverdiano* (variante de Santiago): o que é um crioulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SCANTAMBURLO, L. *Dicionário do guineense, volume I* – Introdução e Notas Gramaticais. Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI, 2001.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 1982.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

Phonological processes of insertion and deletion in Guinean

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 7
Number 1

Received in: 31/01/2022
Approved in: 27/07/2022

Abstract:

The Guinean is spoken by most inhabitants of Guinea-Bissau. However, there are still few studies focused on language, especially with regard to phonological aspects. Thus, the work describes the phonological processes of insertion (*prosthesis*, *epenthesis*, *paragoge*), and deletion (*apheresis*, *syncope*, *apocope*) in Guinean. The data were collected in Scantamburlo (2002) and recorded with four native speakers. The analyzes find recurring processes, such as: prosthesis of [a] and [i]; consonant/nasal trace epenthesis; however, there were few cases of paragoge. Furthermore, the most common deletion cases were apheresis of [e]; medial posttonic vowel syncope; and apocope in verbs.

Keyword:

Guinean. Phonological processes. Insertion. Deletion.